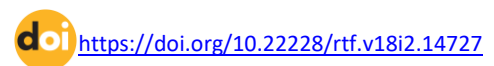


MASCULINIDADE ARISTOCRÁTICA NA INGLATERRA ALTO-MEDIEVAL: O CASO DA URNA DE FRANKS (INGLATERRA, SÉCULO VIII)


ARISTOCRATIC MASCULINITY IN EARLY MEDIEVAL ENGLAND: A STUDY OF THE FRANKS CASKET (8TH CENTURY)



Renato Rodrigues da Silva

 Universidade Federal Fluminense

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6208-8210>

 E-mail: silva_renato@id.uff.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a construção de masculinidades aristocráticas na Inglaterra Alto-Medieval. Para tal objetivo, foi selecionada como fonte primária a Urna de Franks (Franks Casket, em inglês), um objeto atribuído à Nortúmbria ou Mércia do século VIII. A hipótese principal da pesquisa é que as masculinidades aristocráticas neste contexto passam pelos seguintes elementos: é produzida em relação ao feminino; de caráter marcial; baseada em um pertencimento ancestral, vinculada a formas históricas e mitológicas.

Palavras-chaves: Inglaterra Alto-Medieval; Masculinidades; Urna de Franks

Abstract: This article examines the construction of aristocratic masculinities in Early Medieval England. To pursue this objective, the Franks Casket—an eighth-century artifact attributed to Northumbria or Mercia—is analyzed as the primary source. The central hypothesis advanced here is that aristocratic masculinities in this context were shaped by three key elements: they were produced in relational contrast to the feminine; they possessed a distinctly martial character; and they were grounded in ancestral belonging, articulated through historical and mythological forms.

Keywords: Early Medieval England; Masculinities; Franks Casket

1. Introdução

Em 1857, Augustus Wollaston Franks comprou em uma loja de antiguidades de Paris uma urna feita de osso de baleia, com uma cor bem clara, e de dimensões modestas: 22,9 cm de largura, 10,9 cm de altura e 19 cm de comprimento. Franks era então empregado pelo Museu Britânico, e dez anos após a aquisição desta urna (ou seja, em 1867), doou a mesma

para este museu.¹ Esta urna então passou a incorporar seu sobrenome como identificador. Em inglês, seu nome gera alguma confusão, uma vez que o termo original (*Franks Casket*) pode sugerir se tratar de um gentílico voltado para o povo franco, e não para o curador do museu.

A urna é feita de osso de baleia, e cada lado externo possui um painel com imagens, runas, letras romanas, representações humanas e de animais e plantas.² Portanto, são cinco conjunto imagéticos, agrupados da seguinte forma : 1) painel frontal; 2) painel esquerdo; 3) painel traseiro; 4) painel direito; 5) tampa.³ Como é comum na medievalística, parte fundamental dos estudos dedicados a um objeto e expressão de cultura material disseram respeito à sua datação, como entender a natureza deste objeto, a análise dos materiais que a compõe, assim como aqueles que não são visíveis a olho nu.⁴ A representação de cenas identificados com o paganismo germânico (como a lenda de Weylan, o Ferreiro), com a Adoração dos Magos bíblica, Rômulo e Reno (entre outras) ensejou uma discussão sobre a natureza religiosa do objeto e suas implicações.⁵ A discussão entre as runas e o alfabeto romano, seus significados e traduções também foram alvo de intenso debate.⁶ Um estudo mais recente atentou para a necessidade de uma interpretação da conexão temporal entre as diferentes imagens e contextos históricos e mitológicos presentes nos painéis da urna.⁷ Contudo, até o fechamento deste artigo não foi possível localizar artigos que interpretassem esta fonte a partir da lente da questão do gênero. É esta a contribuição que este artigo pretende, sobretudo examinando o mesmo a partir do entrelaçamento entre masculino e feminino, assim como temporalidade e ancestralidade, sendo estes os laços comuns entre as expressões de masculinidades apresentadas na urna.

¹ WEBSTER, Leslie *et al* (Orgs.), *The making of England: Anglo-Saxon art and culture AD 600 - 900*, Londres: British Museum Press, 1992, p. 103.

² WEBSTER, Leslie, *Anglo-Saxon Art: a new history*. 1ª edição. London: British Museum Press, 2012, p. 91–92.

³ WEBSTER *et al* (Orgs.), *The making of England*, p. 101–103.

⁴ STEPHENS, George, *The old-northern runic monuments of Scandinavia and England*, London: København, Michaelsen and Tillge, 1866; KER, William Paton); NAPIER, Arthur Sampson; SKEAT, Walter William, *An English miscellany; presented to Dr. Furnivall in honour of his seventy-fifth birthday*, Oxford: Clarendon Press, 1901; CLARK, Eleanor Grace, *The Right Side of the Franks Casket*, *PMLA*, v. 45, n. 2, p. 339–353, 1930; VANDERSALL, Amy L., *The Date and Provenance of the Franks Casket*, *Gesta*, v. 11, n. 2, p. 9–26, 1972.

⁵ OSBORN, Marijane, *The Seventy-Two Gentile Nations and the Theme of the Franks Casket*, *Neophilologische Mitteilungen*, v. 92, n. 3, p. 281–288, 1991; OSBORN, Marijane, *The lid as conclusion of the syncretic theme of the Franks Casket*, in: BAMMESBERGER, Alfred (Org.), *Old English Runes and their Continental Background*, Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 1991, p. 249–268; PEETERS, Leopold, *The Franks Casket: A Judeo-Christian Interpretation*, *Amsterdamer Beiträge zur älteren Germanistik*, v. 46, p. 17–52, 1996.

⁶ SCHNEIDER, Karl, *Zu den Inschriften und Bildern des Franks Casket und einer ae. Version des Mythos von Balders Tod*, in: FISCHER, Walther (Org.), *Festschrift für Walther Fischer*, Hildeberg: Universitätsverlag, 1959, p. 4–20; BOUMAN, A. C., *The Franks Casket's*, *Neophilologus*, v. 49, n. 1, p. 241–249, 1965; *The King's gift box: the runic casket of Auzon*, EEUU: Witan Publishing, 2023.

⁷ HARTMANN, Jan-Peer; JOHNSTON, Andrew James, *Touching the Franks Casket: Global History and the Trojan Past on an Early Medieval English Object*, *Anglia*, v. 142, n. 3, p. 428–445, 2024.

Este artigo, portanto, tem como objetivo contribuir para a compreensão das expressões e construções de determinados aspectos da dimensão social do gênero na sociedade medieval. Para tal objetivo, o texto irá começar com uma breve discussão sobre a relação entre História e Gênero, passando na sequência para abordar esta questão no âmbito dos estudos sobre a Idade Média. O passo seguinte será discutir como se deu a discussão sobre a construção das masculinidades na alta idade média. Para ampliar o escopo das discussões e verificar como estas podem ser aprofundadas, o passo seguinte será abordar o estudo de caso selecionado na cultura material do período, tomando a Urna de Franks como o estudo de caso deste texto.

2. História e Gênero

Este artigo tem como conceito estruturante a discussão sobre masculinidade(s). Porém, ele irá definir anteriormente as definições presentes no debate sobre o gênero, qual delas alicerçará o trabalho. Isto é importante porque, como colocado por Raewyn Connell, “Ao falar de masculinidade, então, estamos ‘fazendo gênero’ em uma forma culturalmente específica”.⁸ Então o entendimento sobre gênero baseia e delimita os elementos que serão identificados como construtores da masculinidade.

O mapeamento sobre a relação entre História e o conceito de gênero costumam apontar que o campo de estudo conhecido como “História das mulheres” consolidou as bases a partir das quais os estudos de gênero se construiriam.⁹ No quadro geral das ciências humanas, a História foi a área que mais demorou a incluir nas suas fileiras de abordagens, ferramentas, conceitos, categorias etc. o uso de termos como “gênero”, “mulheres” e “mulher”. Uma hipótese foi avançada para indicar que esta ausência se configurou sobretudo para indicar que no processo de profissionalização da história desde o XIX, o sujeito da história “homem” (entendido como branco e ocidental) era universal e, portanto, incluiria de forma sub-reptícia todas as demais categorias.¹⁰

Esta perspectiva estava claramente equivocada, além de omitir o que poderia ser de certa forma a “pré-história” da História das mulheres. Em um trabalho de escavação da História a contrapelo, Bonnie Smith recupera historiadoras como Mercy Ottis Warren, Louise-Félicité de Karalio, Caroline Pichler entre (muitas) outras. Embora fossem identificadas à época como historiadoras “amadoras”, estas escreveram em profusão, à beira da obsessão ou “grafomania” nos termos de Smith. Este conjunto de autoras do XIX teriam desenvolvido histórias sociais e culturais focadas em mulheres em posição de poder ou

⁸ CONNELL, Raewyn, *Masculinities*, 2. ed. London; New York: Routledge, 2020, p. 68.

⁹ MACHADO, Bárbara Araújo; PINHEIRO, Camila, *Relações de gênero e trabalho: história e teoria*, 1ª edição. Curitiba, PR: InterSaberes, 2023, p. 21.

¹⁰ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria, A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero, *Revista Brasileira de História*, v. 27, p. 281–300, 2007.

singulares em seu tempo, cuja produção mereceria uma análise “epistemológica e psicológica”.¹¹

O avanço e consolidação da perspectiva da História dos Annales, assim como as inovações teórico-metodológicas dos mesmos a partir dos anos 1960 convergiu para uma autocrítica da história realizada, assim como uma investigação dialógica entre passado e o presente na qual a historiografia era produzida.¹² Esta autorreflexão somada ao interesse no cotidiano, no privado e nas pessoas “comuns” tornou o campo da História das mulheres fértil, cerca de um século depois das autoras recuperadas por Bonnie Smith terem sido esquecidas.¹³

A inclusão das mulheres na História por esta perspectiva foi criticada pelo próprio movimento feminista. Segundo Joan Scott, havia uma contradição insuperável neste tipo de historiografia, uma vez que ao mesmo tempo impunham a necessidade de revisar uma ausência enorme, mas o preenchimento desta lacuna representava mais um complemento que uma revisão epistemológica profunda. Por isso, ao mesmo tempo este tipo de historiografia tornava “mulheres” algo “supérfluo e indispensável”.¹⁴ Além disso, o conceito de “mulheres” parecia frágil por se apoiar em uma fixidez biológica para definição de identidades, e não nas estruturas e dinâmicas de poder constituídas histórica e socialmente.¹⁵ Era necessária outra categoria para lidar com estas questões e os aspectos relacionais das mulheres, assim como sua especificidade histórica. Desta necessidade emerge o conceito de gênero.

Helieth Saffioti identifica na obra de Simone de Beauvoir e, mais especificamente, na elaborada síntese “não se nasce mulher, torna-se” as raízes do conceito de gênero.¹⁶ “O segundo sexo” trazia uma reflexão no qual estabelecia que a mulher é construída como “o outro” do masculino no âmbito de um processo sócio-histórico. Em outras palavras, a obra da filósofa estabelecia três pontos fundamentais para estabelecer o teor do campo dos estudos de gênero: o “feminino” é construído socialmente; a construção do que é o feminino a partir de um caráter relacional (com o masculino); a subalternidade do feminino. No campo das ciências humanas, um grande salto difusional do termo “gênero” pode ser

¹¹ SMITH, Bonnie G., *Gênero e História - Homens, Mulheres e A Prática Histórica*, Bauru: EDUSC, 2003, p. 27–29.

¹² MACHADO; PINHEIRO, *Relações de gênero e trabalho*, p. 24.

¹³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva, Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano, in: COSTA, Albertina; BRUSCHINNI, Cristina (Orgs.), *Uma questão de gênero*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 39–53.

¹⁴ SCOTT, Joan, História das Mulheres, in: BURKE, Peter (Org.), *A escrita da história: Novas Perspectivas*, 2ª Edição. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 75–77.

¹⁵ PEDRO, Joana Maria; VEIGA, Ana Maria, Gênero, in: *Dicionário crítico de gênero*, Dourados: Editora da UFGD, 2015, p. 330–331.

¹⁶ SAFFIOTI, Helieth Iara Bongiovani, Primórdios do conceito de gênero, *Cadernos Pagu*, n. 12, p. 157–163, 1999, p. 157.

identificado na obra de Gayle Rubin, “O tráfico de mulheres” (originalmente publicada em 1975), na qual usa o sistema de sexo-gênero para criar uma nova perspectiva para a Antropologia.¹⁷

O conceito de gênero ganhou tração na história a partir do seminal artigo de Joan Scott publicado em 1986, traduzido para o português de forma literal como “Gênero: uma categoria útil à análise histórica”.¹⁸ Para Scott, dois pontos principais compõem o gênero: 1) Gênero é uma construção social erigida a partir da percepção da diferença entre os sexos; 2) uma forma de significar (e construir) as relações de poder. A análise histórica apoiada no gênero precisaria, portanto, apontar como o masculino e o feminino são construídos historicamente e de forma relacional, e a partir desta co-constituição compreender os processos de hierarquias sociais criadas. No caso da urna que será analisada mais adiante neste texto, esta co-constituição e correlação é fundamental para compreender este objeto.

Se a perspectiva de Joan Scott já sublinhava a importância da significação ao masculino e feminino, esta perspectiva é mais radicalizada por Jane Flax. A perspectiva de gênero desenvolvida por Flax acabou por se apoiar de forma mais clara na questão discursiva e linguística no processo de construção dos sujeitos e identidades. Em outras palavras, é intensificada a relação entre pós-modernismo e estudos de gênero nesta perspectiva.¹⁹

A perspectiva do que seria o gênero foi ampliada por Judith Butler. Em um texto publicado originalmente em 1984, Butler defende a necessidade de se desconstruir a ideia do corpo como “natural” e de entendê-lo como tanto produzido por discursos e cultura como o gênero até então o era. A autora critica a oposição entre sexo e gênero, uma vez que ela reproduzia a relação natureza-cultura, mantendo uma oposição binária e simplificadora. Assim, no lugar de um sistema sexo-gênero (como Rubin), Butler propõe pensar na complexa relação sexo-gênero-desejo, identificando na complexidade destas relações a dificuldade em demarcar onde começa e termina o biológico, o cultural e a subjetividade. A autora ainda destaca que o corpo (ou a corporeidade) seria entendido a partir de três pontos principais: 1) o sexo anatômico; 2) a identidade de gênero; 3) a performance de gênero.²⁰ Ao estabelecer uma crítica significativa a estruturas binárias de compreensão da ordem social,

¹⁷ RUBIN, Gayle, O tráfico de mulheres, in: *Políticas do sexo*, São Paulo: Ubu, 2017, p. 9–61.

¹⁸ SCOTT, Joan, Gênero: uma categoria útil de análise histórica, *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995; SCOTT, Joan W., Gender: A Useful Category of Historical Analysis, *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053–1075, 1986.

¹⁹ FLAX, Jane, Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista, in: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.), *Pós-Modernismo e política*, Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 217–250.

²⁰ BUTLER, Judith, *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, First issued in hardback. New York London: Routledge, Taylor & Francis Group, 2015; BUTLER, Judith; AGUIAR, Renato, *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*, 22ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; MACHADO; PINHEIRO, *Relações de gênero e trabalho*, p. 48–50.

os apontamentos de Butler possibilitaram leituras mais amplas que rompiam com dualidades, incluindo aí o entendimento da existência de gêneros para além do masculino e feminino. No que tange à urna que será analisada adiante, a questão da masculinidade está ligada diretamente à uma performance de gênero ligada à marcialidade.

Outras críticas questionaram os limites do conceito de gênero ao longo do tempo. Era necessário que este fosse entendido a partir de outras dimensões sociais, dependendo da visão de sociedade e História por trás de cada crítica. Assim, por vezes se buscou entender como o gênero poderia se encontrar e atuar na intersecção com outras questões como raça e classe (interseccionalidade); como a visão de gênero até então era majoritariamente branca e não levava em conta a experiência e agência de pessoas não-brancas (feminismo negro, principalmente); ou como gênero, raça e classe podem se co-constituir e co-produzir em uma teoria unitária (teoria da reprodução social)²¹. As críticas, ao invés de descartar o conceito, acabam por refiná-lo e por também o tornar polissêmico, uma vez que cada corrente de pensamento o compreende de forma diferenciada.

Um aspecto fundamental de se ressaltar para este artigo é a relação histórica do gênero. Por um lado, ressalta-se que este é um fenômeno que se transforma com o tempo. Por outro, também é fundamental considerar que em cada sociedade o gênero também se relacionada com expectativas moldadas na relação de cada sociedade com as dimensões de passado, presente e futuro. Na Idade Média, e em particular na Inglaterra Alto Medieval, o passado é ao mesmo tempo uma força social que se desdobra sobre o presente, uma força moral e um horizonte de expectativa.²² Em outras palavras, ao considerar representações de gênero na cultura material (como no estudo de caso deste artigo), é fundamental ter em mente que o que se escolhe representar tem uma força de modelo e norma a ser buscada, mesmo que seja pela negativa. A questão da temporalidade na fonte será abordada quando a mesma foi discutida, uma vez que a mesma conjuga diversos sentidos de pertencimento em tempos que hoje consideraríamos diferentes, como o mítico, o bíblico e o histórico.

Assim, este artigo investirá no entendimento do gênero a partir dos seguintes elementos: 1) como algo que é historicamente construído, variando no tempo e no espaço; 2) uma dimensão social co-constituído por e construtora de outras dimensões sociais (como a cultura, religião, economia, política etc); 3) um fenômeno necessariamente relacional e não-binário; 4) uma dimensão com estruturas e dinâmicas desejadas calcadas na

²¹ BHATTACHARYA, Tithi, *Teoria da Reprodução Social*, 1ª edição. São Paulo, SP: Elefante, 2023; COLLINS, Patricia Hill, *Bem Mais que Ideias: a Interseccionalidade Como Teoria Social Crítica*, 1ª edição. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2022; CRENSHAW, Kimberlé, *On Intersectionality: Essential Writings*, [s.l.]: New Press, 2008.

²² DA SILVA, Renato Rodrigues, Entre dragões, eclipses, tempestades e o fim do mundo: visões sobre o tempo e seu fim na Inglaterra Alto-Medieval (Séculos VII-IX), in: FERNANDES, Fabiano; SCHMITT, Juliana; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (Orgs.), *Crises, Epidemias e Fomes: Memórias da Idade Média*, Porto Alegre: Fi, 2021, p. 74–106.

experiência e passado, com elementos construtores de performances normativas (ou adequadas) para os diferentes gêneros. Assim, serão estes quatro elementos fundamentais aqueles que serão destacados na análise da sociedade e fonte primária em questão ao considerar a masculinidade.

3. Gênero, Masculinidades e Idade Média

O Brasil viu os estudos medievais florescerem desde a década de 1980, e ganharam corpo sobretudo nos anos 1990.²³ Em um artigo publicado no início dos anos 2000, Andréia Frazão da Silva tentava mapear o avanço do emprego da categoria gênero nos estudos medievais, entre 1990 e 2003. Ao utilizar a ferramenta *Feminae: Medieval women and gender index* neste contexto, Silva identifica 817 títulos publicados que utilizavam a categoria (um número alto para a época); porém os resultados encontrados foram todos no exterior e não foi encontrado nenhum resultado em língua portuguesa.²⁴ Mais de 15 anos depois, a mesma autora demonstrava como o campo se expandiu, ao mesmo tempo em que apontava caminhos possíveis de desenvolvimento do mesmo, em particular no que diz respeito aos elementos metodológicos.²⁵

A multiplicação de perspectivas, problemas e abordagens sobre a questão da masculinidade na medievalística foi acompanhada pela discussão em âmbito geral. Nos Estados Unidos, a formação dos *men's studies* avançou o campo do estudo sobre homens desde os anos 70, com particular atenção às suas sexualidades.²⁶ Na Europa, estudos semelhantes surgiram, como *Que és ser hombre, Nuevas Masculinidades*, dentre outros.²⁷ No Brasil, Mário Martins Viana destaca três obras fundamentais sobre esta temática: “Macho, masculino, homem”, de 1986; “Masculino, Feminino, Plural”, de 1998; e “Masculinidades”, já de 2004.²⁸

A progressão dos estudos sobre gênero focados no contexto medieval seguiu a dos estudos mais teórico-metodológicos, conceituais e dedicados a outros contextos históricos, conforme demonstrado na primeira seção deste artigo. Assim, se primeiro se construíram

²³ BASTOS, Mario Jorge Da Motta; RUST, Leandro Duarte, “Translatio studii”: a história medieval no Brasil, *SIGNUM - Revista da ABREM*, v. 10, p. 163–88, 2008.

²⁴ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003), *Caderno Espaço Feminino*, v. 11, n. 14, p. 87–107, 2004, p. 92 n. 18.

²⁵ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da, Considerações sobre o uso da categoria gênero nos estudos sobre o medievo, *SIGNUM - Revista da ABREM*, v. 20, n. 2, p. 11–23, 2020.

²⁶ JÚNIOR, Mário Martins Viana, MASCULINIDADES: AMPLIANDO O DEBATE, *Revista Fórum Identidades*, 2017, p. 90.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ *Macho, masculino, homem*, Porto Alegre: L & PM Editores, 1986; ORG, Joana Maria Pedro e Miriam Pillar Grossi-, *Masculino, Feminino, Plural - Genero Na Interdisciplinaridade*, Florianópolis, SC, Brasil: MULHERES, 1998; SCHPUN, Monica Raisa (Org.), *Masculinidades*, São Paulo: Santa Cruz do Sul: Boitempo Editorial, 2004; JÚNIOR, MASCULINIDADES.

estudo sobre História das mulheres, depois passamos ao estudo do gênero e suas multiplicidades, a partir dos quais emergiram os estudos a respeito das masculinidades.²⁹ A historiografia dedicada à Idade Média (no Brasil e fora) parece ter seguido esta tendência.

A primeira aproximação a respeito do tema das masculinidades na Idade Média de forma sistemática parece ter surgido na década de 1990, no âmbito de uma conferência sediada na Universidade de Fordham sobre “homens na Idade Média”.³⁰ Assim como em outras áreas, a inclusão da discussão sobre masculinidades encontrou resistência, na medida em que se questionava no âmbito dos estudos de gênero medievais se tudo o que havia sido escrito anteriormente não era justamente a história dos homens, camuflada sobre a classificação de “universal”.³¹

Alguns estudos seminais tenderam a considerar a Idade Média como o surgimento da masculinidade moderna. Assim, o estudo da transição da sociedade aristocrática medieval para a moderna e burguesa se deu sobretudo de forma retrospectiva, sendo o mundo medieval o caminho de alteridade para o presente.³² Estudos como os de Norbert Elias (ou baseados nestes) sobre a subjetivação das normas ressaltavam as alterações dos padrões de relacionamento na economia de poder entre homens e mulheres ao longo do chamado processo civilizador.³³ Nesta perspectiva, o momento vivido no final da Idade Média seria um momento de transição, no qual a expressão legítima dos sentimentos se desloca do público para o privado, assim como o amor romântico se torna a base a partir do qual a família monogâmica burguesa se construirá.³⁴ A demonstração de emoções de forma “desenfreada” no espaço público é visto como sinal de selvageria para o olhar contemporâneo; já para o contexto medieval, a demonstração pública de valores como lealdade, probidade, correção, coragem e bravura (dentre outros) seria fundamental.³⁵

Esta primeira aproximação foi aprofundada e eventualmente criticada pelos estudos dedicados ao estudo das masculinidades produzidos por medievalistas. Por um lado, ressaltou-se como parte da masculinidade do período medieval não passava necessariamente por demonstrações públicas de violência, em particular no que se refere à masculinidade esperada dos monges. Não só isso, como em alguns contextos a construção

²⁹ TOLSON, Andrew, *Os Limites Da Masculinidade*, Lisboa: Assirio & Alvim, 1983.

³⁰ FENSTER, Thelma, Preface: Why Men?, in: LEES, Clare A. (Org.), *Medieval Masculinities - Regarding men in the Middle Ages*, Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1994, p. ix.

³¹ STIMPSON, Catharine R., Foreword, in: BROD, Harry (Org.), *The Making of Masculinities: The New Men's Studies*, Minneapolis, MN: Routledge, 2015, p. xii.

³² MOSSE, George L., *The Image of Man: The Creation of Modern Masculinity*, Oxford: Oxford University Press, 1998.

³³ ELIAS, Norbert, *O processo civilizador 1: Uma história dos costumes*, 2ª edição. Erscheinungsort nicht ermittelbar: Zahar, 1990; ELIAS, Norbert, *O processo civilizador 2: Formação do Estado e civilização*, 1ª edição. Erscheinungsort nicht ermittelbar: Zahar, 1993.

³⁴ OLIVEIRA, Pedro Paulo de, *A construção social da masculinidade*, [s.l.]: Editora UFMG, 2004, p. 22.

³⁵ *Ibid.*, p. 23.

das masculinidades de clérigos e cavaleiros poderiam ter uma tênue distância, com elementos constitutivos que as aproximavam, e outros que eram específicas.³⁶ Em outras palavras, o estudo da masculinidade medieval explorou a sua multiplicidade e pluralidade, e não modelos estáticos e repetidos. Esta multiplicidade complementar também se expressa na Urna de Franks, conforme mostraremos no item abaixo.

Uma ampliação interessante veio da superação dos elementos masculinos e femininos como binários e auto-excludentes. Neste sentido, é possível destacar como a dissertação de mestrado de Carolina Fortes foi pioneira no Brasil ao considerar os atributos masculinos nas santas da Legenda Áurea, focando nos estudos de caso de Maria e Madalena.³⁷ Da mesma forma, o caráter necessariamente relacional e co-produzido do feminino e do masculino foi explorado por Daniele Gallindo em sua dissertação de mestrado. Ao avaliar o ideal cortês no épico “Parzival” (escrito por Wolfram von Eschenbach), a autora identifica padrões de condutas a partir das relações entre feminino e masculino, tecendo considerações e valiosas explicações sobre os códigos sociais normativos neste tipo de literatura.³⁸

O casamento também foi alvo de escrutínio por parte da historiografia dedicada a compreender melhor as relações de gênero e sua normatização, passando pela sexualidade. Neste sentido, o trabalho de Carol Gual é crucial para compreender melhor como o fenômeno do casamento foi transformado, reformulado e como o próprio conceito de indissolubilidade foi discutido, aprimorado e cristalizado.³⁹ Da mesma forma, Marcelo Lima tem explorado a relação entre direito, normatização (principalmente a partir do adultério) e matrimônio a luz dos estudos de gênero, insistindo na pluralidade e riqueza do contexto medieval neste quesito.⁴⁰

Um estudo de caso interessante que conjuga os elementos apontados aqui no contexto inglês pode ser encontrada em uma reflexão acerca de obra de Geoffrey Chaucer. Um estudo fundamental sobre este autor caracteriza sua obra como contendo questionamentos, contradições e mesmo interseções com outros gêneros, como em qualquer outro contexto

³⁶ ALVARO, Bruno Gonçalves, *A construção das masculinidades em Castela no século XIII: um estudo comparativo do poema de Mio Cid e da vida de Santo Domingo de Silos*, Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008, p. 96–99.

³⁷ FORTES, Carolina Coelho, *Os Atributos Masculinos das Santas na Legenda Aurea: os casos de Maria e Madalena*, Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

³⁸ SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves e, “wîp unde man ze rehte prûeven”. *A construção do feminino e do masculino em Parzival de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas”*, Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio Janeiro, 2005.

³⁹ GUAL DA SILVA, Carolina, *Até que a morte os separe: o casamento cristão na Idade Média*, São Leopoldo: Oikos Editora, 2023.

⁴⁰ LIMA, Marcelo Pereira, O direito matrimonial e o adultério medieval: considerações historiográficas à luz dos gender studies, *Signum (Associação Brasileira de Estudos Medievais. Online)*, v. 16, n. 1, p. 69–101, 2015; CERQUEIRA BASTOS, Alessandro; PEREIRA LIMA, Marcelo, O gênero ainda pode muito em termos conceituais e políticos? Apresentação do dossiê “Gênero, Relações de Poder e História”, *Veredas da História*, v. 16, n. 2, 2024.

histórico. Tison Pugh e Marcia Maria Mazec analisam a obra de Geoffrey Chaucer intitulada “Troilo e Créssida” (*Troilus and Criseyde*, no original, baseada em personagens e versões da mitologia grega) a partir da hermenêutica medieval e dos conceitos modernos de masculinidade.⁴¹ Esta abordagem permite aos autores observar as múltiplas interpretações que os personagens na obra tiveram ao longo do tempo, justamente porque alguns deles possuem condutas e performances esperadas do masculino em personagens femininas e vice-versa. Assim, Troilo é apresentado de forma mais cômica que em outras versões; possui uma participação mais passiva no desenrolar dos eventos (sendo manipulado por Créssida e pelo seu tio Pândaro); torna-se paralisado por suas emoções em diversos momentos, chegando a desmaiar ao chegar no quarto da amada Créssida (tendo que ser posto na cama de Créssida por outro homem, Pândaro); e para Troilo a gratificação do amor só pode ser total, e qualquer rejeição da amada por Troilo é vista como fracasso total.⁴²

Troilo é um guerreiro (de Troia) nesta narrativa. Em outras palavras, as expectativas de comportamento para ele, por ser homem, aristocrata, guerreiro, deveriam ter como objetivo seu reconhecimento pela capacidade na guerra, pela sua força, astúcia e capacidade de liderança. Contudo, sua representação neste poema apresenta comportamentos, sentimentos, e performances de gênero que são comumente identificados com o feminino. Da mesma forma, a personagem de Créssida também apresenta outros traços de personalidade e comportamento que estão em conformidade com o esperado do masculino no mundo medieval. Dentre estes, seria possível citar a mencionada astúcia e estratégias, assim como a iniciativa para concretização da relação (inclusive sexual) com Troilo.⁴³

Uma última inversão entre os papéis de gênero regulares pode ser encontrada no que diz respeito ao depósito das lealdades. A lealdade de Troilo é à sua comunidade (*country* costuma ser o termo utilizado em língua inglesa) mas sobretudo à sua amada. Já Créssida aceita ser enviada para o acampamento grego em uma troca de reféns no final da peça, demonstrando ampla lealdade à sua comunidade, colocando a mesma acima de seu amor e lealdade à Troilo. Embora planeje a princípio fugir após 10 dias no acampamento grego, Créssida percebe que esta não seria possível e se mantém refém ao final da narrativa. Assim, a questão da lealdade comunitária suplantando a questão de um amor romântico e/ou cortês surge na narrativa como uma questão de gênero fundamental.⁴⁴

⁴¹ PUGH, Tison; MARZEC, Marcia Smith, *Men and Masculinities in Chaucer's Troilus and Criseyde (Chaucer Studies)*, Woodbridge, Suffolk: D.S.Brewer, 2008.

⁴² MALCOLM, Andrew, The Fall of Troy in “Sir Gawain and the Green Knight” and “Troilus and Criseyde”, in: BOITANI, Piero (Org.), *The European Tragedy of Troilus*, Oxford: Clarendon Press, 1989, p. 91.

⁴³ MALCOLM, The Fall of Troy in “Sir Gawain and the Green Knight” and “Troilus and Criseyde”.

⁴⁴ GOODMAN, Jennifer R., Nature as Destiny in “Troilus and Criseyde”, *Style*, v. 31, n. 3, p. 413–427, 1997.

A narrativa de Chaucer certamente se permite estas inversões de condutas esperadas de gênero em parte para acentuar o caráter cômico de algumas passagens. Contudo, é justamente neste exercício que é possível perceber, por um lado, a reflexão da própria Idade Média sobre as performances de gênero esperada de cada gênero constituído. Por outro, o tom crítico e satírico parece também expressar que as pessoas do próprio período eram cômicas das intersecções, fronteiras e confluências do fenômeno do gênero.⁴⁵

A Inglaterra alto-medieval também produziu um número interessante de reflexões a respeito do fenômeno no gênero. Como também foi comum no conjunto da historiografia, estas análises se constituíram sobretudo a partir da História das mulheres.⁴⁶ O que geralmente foi apontado nestas avaliações é que no período alto medieval as mulheres gozam de maior poder quando comparados à segunda metade da Idade Média, em particular pela capacidade de manejo de riqueza (propriedade e herança) e poder, com mulheres à frente da Igreja como abadessas independentes de autoridade masculina.⁴⁷ Já ao discutir relações de gênero especificamente estabelecendo o que é o masculino e o que é o feminino em relação, Pasternack avança significativamente em relação a este fenômeno. Para a autora, a cristianização ocorrida na Alta Idade Média não conformou o masculino e o feminino. Embora haja uma limitação da variedade de status ao masculino, tanto as masculinidades quanto as feminilidades são entendidas como práticas e estruturas dinâmicas e variadas, marcadas pelas tensões, negociações e conflitos.⁴⁸

As masculinidades medievais expressam, portanto, uma série de elementos estruturantes, por vezes conflitivos, inseridas em diversas outras dimensões sociais, relacional e inseridas em normativas diversas. Como estudo de caso específico de como elementos de cultura material podem ser parte fundamental do desvelamento destes processos, esta reflexão passará a discutir como o objeto conhecido como “Urna de Franks” expressa elementos fundamentais de masculinidades aristocráticas da Inglaterra Alto Medieval. Assim, serão detalhados os elementos que compõem esta masculinidade como guerreira, em relação constante com o feminino, mas sobretudo ancorada em uma temporalidade e uma tradição, com fortes vínculos de ancestralidade. É necessário, portanto, passar à discussão da fonte.

⁴⁵ PUGH; MARZEC, *Men and Masculinities in Chaucer's Troilus and Criseyde (Chaucer Studies)*.

⁴⁶ ROSENTHAL, J. T. *Angles, Angels and Conquerors: 400-1154*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1973

⁴⁷ HOLLIS, Stephanie. *Anglo-Saxon Women and the Church: Sharing a Common Fate*. Woodbridge: The Boydell Press, 1992

⁴⁸ PASTERNAK, Carol Braun. Negotiating Gender in Anglo-Saxon England. *MEDIEVAL CULTURES*, v. 32, p. 107-144, 2003.

4. A Urna de Franks

A produção imagética altomedieval inglesa é riquíssima. A variedade de material produzido por artesãos, sejam eles com teor religioso e confessional ou mais quotidianos é expressiva. A elaboração destes materiais, em conjunto com as referências da cultura escrita, já levou pesquisadores a apontar como a imaginação das pessoas deste período era sobretudo visual, com cada imagem podendo remeter a uma história, um conceito ou palavras.⁴⁹ A mesma gramática visual dos poemas e seus motivos e fórmulas também pode ser pensado para entender a produção visual deste contexto, considerando que tanto a poesia quanto a cultura material do período recorriam a fórmulas socialmente conhecidas para criar uma textura de metáforas e alusões.⁵⁰ Assim, esmo elementos que fogem da religião institucionalizada (como no caso da Igreja) também podem nos explicar mais sobre estas fórmulas e mesmo sobre questões relacionadas a gênero e identidade.⁵¹ A Urna de Franks, a fonte que foi selecionada para o estudo de caso deste artigo precisa ser lida a partir deste conjunto de considerações.

Esta perspectiva implica que ao analisar a cultura visual do período altomedieval inglês, é necessário pensar que cada trabalhador(a) que produziu aquele artefato estava criando algo, se valendo de um repositório de códigos e valores presentes na sociedade. Este é um ponto particularmente importante para este artigo, uma vez que a fonte escolhida para ser analisada (uma urna) ao mesmo tempo expressa e reproduz uma forma de masculinidade específica, que é a masculinidade aristocrática do período. Ainda que haja representação de mais de uma forma de masculinidade (como entre os reis magos e os guerreiros representados), tentar-se-á demonstrar que estas possuem ao menos um elemento em comum: o vínculo com a ancestralidade e a temporalidade. Em outras palavras, as imagens presentes na Urna de Franks serão entendidas como construídas a partir do que era conhecido e vivenciado por aqueles que a produziram ao mesmo tempo que (re)contavam histórias que projetavam expectativas de comportamento masculinos.

A leitura da urna como parte de uma tradição insular específica (e conseqüentemente, nacional) também fez parte de sua história. A doação da urna para o Museu Britânico no século XIX por Augustus Franks auxiliou em uma narrativa museológica que apresentava a urna como marcada por uma combinação única de inscrições rúnicas e latinidades, assim como lendas heroicas germânicas e tradição cristã. Esta visão do passado

⁴⁹ WEBSTER, *Anglo-Saxon Art*, p. 13.

⁵⁰ LESLIE, Blackhouse Janet Webster, *The Making of England. Anglo-Saxon, Art and Culture AD 600-900*, London: British Museum Press, 1991, p. 9.

⁵¹ HALL, Alaric. *Elves in Anglo-Saxon England: matters of belief, health, gender and identity*. Londres: Boydell and Brewer, 2007.

coincidia com o período vitoriano, tanto na leitura nacionalista do passado promovido pelo Estado, como pela Igreja Anglicana. Assim, buscava-se nos ritos, teologia, hagiografias etc do período alto medieval suas origens, raízes e legitimidade.⁵² No que tange à masculinidade que se projetava ali, também estavam presentes elementos que eram fundamentais no período vitoriano. Por um lado, o caráter guerreiro, de liderança e conquista está presente na Urna nas narrativas da conquista de Jerusalém e na capacidade marcial dos demais painéis, que serão descritos abaixo. Por outro, a capacidade de confecção da urna de forma tão elaborada representava o que era desejado do homem inglês do século XIX: capacidade de trabalho duro e árduo, inventividade, e se ver como membro de uma história mais longa, remontando a um tempo simultaneamente histórico e mítico.⁵³ Em outras palavras, é difícil separar a circulação do objeto em si, assim como o lugar de destaque que passou a ocupar na Inglaterra do século XIX de uma expressão e construção de masculinidade no contexto nacionalista do século vitoriano.

Antes de adentrar especificamente na análise de cada painel da urna, cabe aqui algumas considerações metodológicas. Em primeiro lugar, conforme destaca Jean-Claude Schmitt, não existe imagem que seja pura representação, uma vez que toda imagem é construída em um objeto.⁵⁴ Porém, este é um objeto que também é imaginado, tornando estas duas dimensões (material e ideológica) umbilicalmente conectadas, responsáveis por tornar a “imagem-objeto” socialmente viva.⁵⁵ Assim, ela ao mesmo tempo exprime uma capacidade técnica, mas também sonho, visão, e imagem mental.⁵⁶ Ao considerar os elementos de temporalidades e natureza distintas da fonte, estes pontos são fundamentais.

Um segundo ponto metodológico fundamental é considerar os três níveis básicos de compreensão de imagens pospostas por Panofsky: a forma pura da imagem; a comparação cultural com o conhecimento iconográfico; a história técnica, cultural e específica de um objeto ou obra.⁵⁷ Embora esta perspectiva de Panofsky tenha encontrado sérias críticas ao longo das décadas, por ora não há modelo interpretativo que o tenha substituído.⁵⁸ Além disso, a descrição das imagens, suas técnicas e seus potenciais significados sociais estão na

⁵² WEBSTER, *Anglo-Saxon Art*, p. 236.

⁵³ *Ibid.*, p. 235–237.

⁵⁴ BASCHET, Jérôme. "Introdução: a imagem-objeto", in: SCHMITT, Jean-Claude et BASCHET, Jérôme. *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris: Le Léopard d'Or, 1996, p. 7-26. Tradução: Maria Cristina C. L. Pereira. Disponível em: <https://lathimm.fflch.usp.br/sites/lathimm.fflch.usp.br/>.

⁵⁵ BASCHET, Jérôme. *Idem*, p. 5.

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ Panofsky, Erwin. *Studies in Iconology: Humanistic Themes in the Art of the Renaissance*. New York: Harper & Row, 1972. pp. 5–9

⁵⁸ WUTTKE, Dieter Wuttke. "Erwin Panofsky (1892–1968)". In: HOURIANE, Colum (ed.). *The Routledge Companion to Medieval Iconography*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2017. p. 105–122

base da análise proposta por este artigo. Por isso, é necessário passar a considerar estes elementos.

A urna de Franks condensa o conhecimento de diversas naturezas: o trabalho em osso de baleia e provavelmente técnicas de colorização deste material; o conhecimento da escrita rúnica e latina; história e mitologia de origens e temporalidades diversas; provavelmente técnicas de ourivesaria; dentre outros.⁵⁹ Ela, contudo, segue um modelo de relicário e/ou urna como o de Bréscia, da Itália, do século IV (chamado em inglês de *Brescia Casket*), embora estes originalmente fossem feitos de marfim.⁶⁰ A urna é, portanto, a criação de uma leitura local de elementos e tradições anteriores. Porém, o seu entendimento mais pleno exige a resolução de enigmas (*riddles*). Literalmente.

O aspecto literal do enigma se revela no painel frontal, que conta com um enigma ou charada que revela qual seria o material do qual a urna é feita, narrando como o “Rei do Terror” (a baleia) chegou ao alto de uma montanha e teria ficado por lá, seguido por runas que transliteradas para o alfabeto latino seriam *hronæsban* (“osso de baleia” em português).⁶¹ Este painel frontal é dividido em dois, com um lado representando a visita dos Três Reis Magos (identificados pelas runas *MFXL*, transliteradas como *magi*) a Jesus. A segunda seção do painel frontal contém a representação da lenda germânica conhecida como “Weyland, o Ferreiro” (ou *Völund Smed* em islandês).⁶² Esta lenda conta como o Weyland foi feito de escravo pelo rei Niðhad, que teria mandado cortar seus músculos posteriores das coxas para torná-lo manco. Abaixo de Weyland há uma figura sem cabeça, que possivelmente é o filho do rei Niðhad, decapitado por Weyland que usou sua cabeça para fazer um cálice. Weyland ainda aparece na imagem oferecendo o que parece ser uma taça com a cerveja envenenada à princesa Beaduhild, filha do rei Niðhad. Segundo a lenda, após ela tomar a cerveja alterada, a princesa cai inconsciente e é violentada por Weyland. Há uma outra figura feminina neste painel, que pode ser tanto uma segunda representação da mesma princesa ou uma ajudante de Weyland.⁶³ Ao lado, Weyland captura aves; segundo a lenda, das penas destas ele consegue criar asas, com as quais consegue fugir do seu cativeiro como escravizado.

Neste painel, portanto, é possível discutir e elencar como diferentes elementos parecem compor masculinidades diversas, em particular em relação ao feminino e, mais

⁵⁹ WEBSTER, Leslie, *The Franks Casket*, London: British Museum Press, 2012.

⁶⁰ *Ibid.* Figuras 48, 54.

⁶¹ HOUGH, Carole; CORBETT, John, *Beginning Old English*, London: Red Globe Press, 2013, p. 106.

⁶² LANGER, Johnni. O mito do dragão na Escandinávia (Parte três: as sagas e o sistema nibelungiano). *BRATHAIR-REVISTA DE ESTUDOS CELTAS E GERMÂNICOS*, v. 7, n. 2, 2007. P. 106-141, p. 116.

⁶³ HENDERSON, George, *Early Medieval Art and Civilisation*, London: Penguin, 1972, p. 156–158.

especificamente, a mulheres. Por um lado, ambas envolvem elementos de sofisticação cognitiva, seja pelo lado da sabedoria (os “Magos”), seja pela engenhosidade (no caso de Weyland). Também é possível destacar como é esperado que homens ofertem presentes, indicando como a relação de dom e contra-dom, tão discutida para os fenômenos medievais, também se expressam nas relações de gênero. E naturalmente, o dom na Idade Média expressa e reproduz tanto relações de amizade quanto de conflito.⁶⁴ Este painel também acaba por contrastar um exemplo de masculinidade contida e sábia, quase estóica (os *magi*) com um exemplo de masculinidade que não se exime do exercício da violência (inclusive sexual) e da retribuição do mal causado. Se no primeiro caso, há uma deferência e subordinação clara a uma figura feminina (ainda que por ocupar o estatuto de mãe de Deus), no segundo a violência sexual que representa estabelece seu polar oposto. Este painel, portanto, apresenta modelos diferentes de masculinidade, e para a construção de ambos é necessário a relação com o feminino. Fletcher, por exemplo, indica que a leitura da esquerda à direita produz o efeito de um conto cautelar sobre os efeitos benignos da conversão ao cristianismo.⁶⁵ Ainda assim, no painel dedicado à questão dos reis magos, o feminino ocupa o trabalho de cuidado – no caso, vinculado à maternidade. Além disso, ambas as representações do painel dianteiro coincidem em retratar um passado que, para olhos contemporâneos, parecem de temporalidades distintas: o tempo histórico e o tempo mítico. Contudo, para artífices responsáveis pela produção da Urna, estes tempos parecem confluir, a ponto de serem representados literalmente lado a lado. Estas discussões irão retornar a partir da apresentação dos demais painéis da Urna.

⁶⁴ MAGNANI, Eliana, O dom entre História e Antropologia: figuras medievais do doador, *Signum*, v. 5, p. 169–193, 2003.

⁶⁵ FLETCHER, Richard A., *The conversion of Europe: from paganism to Christianity, 371 - 1386 AD*, London: Harper Collins, 1997, p. 269–270.

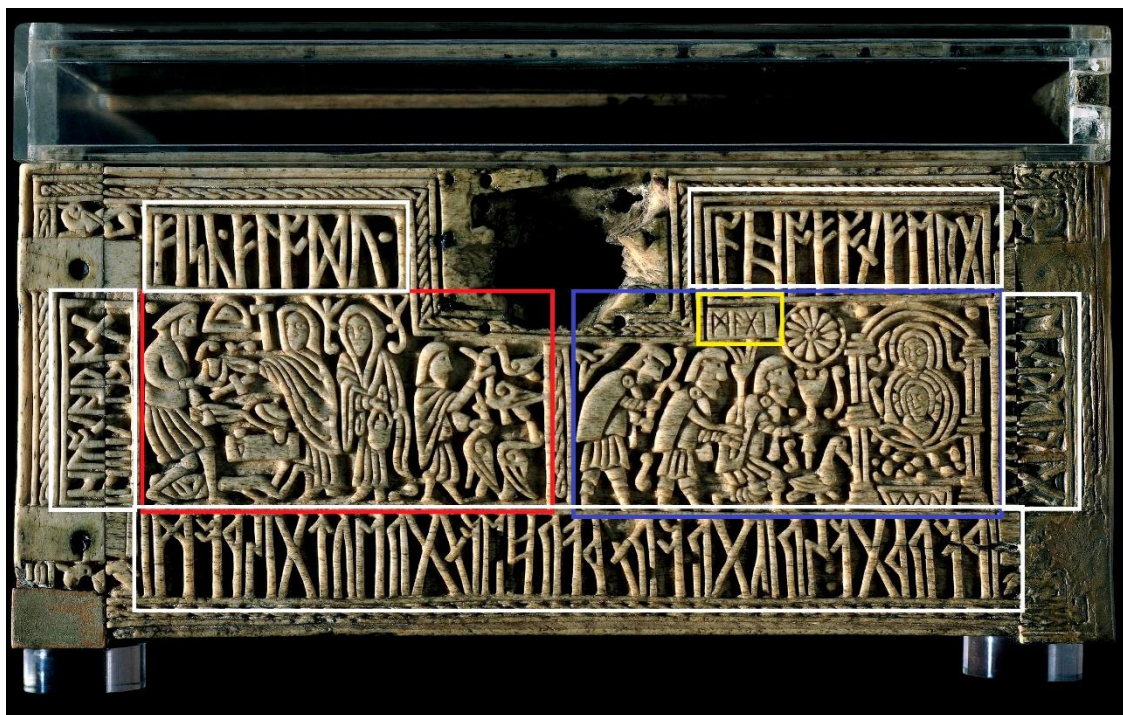


Figura 1 - Painel Frontal. Modificações do autor do artigo. Enquadrado em branco, o enigma mencionado. Em vermelho, o quadro de Weyland. Em azul, a cena da natividade. Em amarelo a identificação dos "magi" em runas.

O painel esquerdo da urna contém uma representação de Rômulo e Remo mamando na loba que os salvou e alimentou, de acordo com a lenda romana. A identificação deste mito é facilitada pelo registro rúnico, que transliterado e traduzido, pode ser entendido como “Rômulo e Remo, dois irmãos; uma loba os nutriu na cidade de Roma, longe de sua terra natal”.⁶⁶ Embora não haja representação de mulheres diretamente na figura, a loba representa o feminino, ocupando o lugar de cuidado e nutrição das crianças incapazes. Em outras palavras, fazendo as vezes de uma ama de leite. Além disso, a lenda é registrada por Tito Lívio em *Ab Urbe Condita*. O autor era conhecido por parte da elite inglesa alto medieval, e era o ponto de referência para a História e mitos romanos.⁶⁷ Um pouco adiante neste mesmo livro (I, 10), o autor menciona também o famoso caso do Rapto das Sabinas. Nesta narrativa, após a fundação de Roma, Rômulo e seus seguidores buscam raptar as esposas dos sabinos (um povo vizinho), com o objetivo de gerar seus próprios descendentes. Neste painel é possível identificar também o tempo mítico e histórico novamente representados. Neste, o masculino varia da necessidade de cuidado do feminino quando é infantil, para em seguida passar a estabelecer uma relação de poder e violência sobre o

⁶⁶ Runas transliteradas e padronizadas: “Römwalus and Rëomwalus, twëgen gebrōðera: fëdde hïe wylf in Rōmeceastre, ēðle unnëah.” PAGE, Raymond Ian, *An Introduction to English Runes*, Suffolk: Boydell Press, 2006, p. 175.

⁶⁷ HUNTER, Michael, Germanic and Roman antiquity and the sense of the past in Anglo-Saxon England, *Anglo-Saxon England*, v. 3, p. 29–50, 1974; LAPIDGE, Michael, *The Anglo-Saxon library*, Oxford; New York: Oxford University Press, 2005.

feminino. E novamente, com uma narrativa implícita de violência sexual. As figuras nas laterais do mesmo painel possuem lanças e mantos, o que possivelmente os identifica como guerreiros e, portanto, aristocratas. Ou seja, assim como no primeiro painel mencionado, há uma identificação do feminino com o trabalho de cuidado, a representação do masculino como aristocrático, e ambos vinculados a um tempo ancestral e comum.



Figura 2 - Painel Esquerdo. Em branco, a cena da loba alimentando Rômulo e Remo.

O painel traseiro representa a conquista de Jerusalém por Tito (70 d.C.), que resultou na destruição da cidade e do Segundo Templo. As runas identificam este evento, cuja tradução pode ser lida da seguinte forma: “Aqui Tito e os judeus lutaram”.⁶⁸ No quadro superior direito, também é possível ler “Aqui [os] habitantes fogem de Jerusalém”.⁶⁹ No canto inferior esquerdo, há a indicação de que o resultado foi um ato de julgamento divino, ao indicar a palavra “Juízo” (runas transliteradas para *dōm*). Já no canto inferior direito, a consequência da derrota militar no destino dos judeus derrotados: *gīsl*, geralmente traduzido como “reféns”. Neste sentido, os judeus estão sendo reduzidos à escravidão como resultado da derrota para os romanos. Em outras palavras, há uma identificação de um

⁶⁸ Transliterado de “Hēr feohtaþ Titus and Iūdēas” LESLIE, *The Making of England. Anglo-Saxon, Art and Culture AD 600-900*.

⁶⁹ Literalmente, “HICFUGIANTHIERUSALIM” *Ibid.*

evento histórico fundamental na história do cristianismo, relacionando simultaneamente providência (divina), vitória militar a escravização dos derrotados. Enquanto a narrativa de Weyland apresentava um homem que conseguia fugir da escravização, neste painel o tema retorna, mas como uma consequência da marcialidade vitoriosa. Então no painel frontal a masculinidade aristocrática se apresenta como irredutível à escravidão; já no traseiro, ela se expressa como aquela capaz de reduzir o outro a esta condição, a partir da guerra. E esta construção é realizada a partir de um evento histórico concreto, ainda que indicando um passado relativamente remoto. Em outras palavras, a identidade construída através de uma temporalidade remota e ancestral se mantém, e a masculinidade como uma de suas dimensões.



Figura 3 - Painel Traseiro. Em branco, a identificação do ataque a Jerusalém por Tito. Em vermelho, a indicação que os derrotados fogem de Jerusalém em latim. Em amarelo, "Döm". Em azul, a indicação de que agora são "gisl".

O painel da direita é o que possui maior debate acerca do que representa. As interpretações variam desde elementos da mitologia nórdica até a tortura de Satã, passando

pela representação dos líderes militares mitológicos anglos Hengist e Horsa.⁷⁰ Porém, a interpretação que este artigo adota é a de que se trata de uma representação da chamada “Loucura de Nabucodonosor”, descrita no livro bíblico de Daniel (e em um poema em inglês antigo), Capítulos 4 e 5.⁷¹ Se assim o for, as três figuras à direita representariam a esposa de Belsazar suas concubinas. Dentre estas concubinas, possivelmente haveria algumas mulheres judias escravizadas. Segundo a narrativa presente em Daniel, pela sua soberba, Nabucodonosor, pai de Belsazar, foi punido por Deus. E teria sido “expulso do meio dos homens e sua mente ficou como a de um animal; passou a viver com os jumentos selvagens e a comer capim como os bois; e o seu corpo se molhava com o orvalho do céu” (Daniel: 5, 21). No caso desta interpretação, as mulheres estariam profanando as taças de beber da casa do Senhor (ou seja, do Templo de Jerusalém) (Daniel 5, 23; no poema em inglês antigo, v. 695-730). Os animais presentes neste painel seriam a forma de representação a transfiguração de Nabucodonosor na história. Há também uma figura de elmo e lança, sendo um dos guerreiros do palácio babilônico neste contexto. Mais uma vez, há representações do feminino neste painel, relacionado por um lado ao casamento e reprodução (esposas) e em outra, ao exercício do poder e sexualidade sobre as concubinas. É válido lembrar que há uma narrativa parecida do citado Rapto das Sabinas, que outro painel possivelmente aludia. A relação de gênero expressa no painel direito representa uma forma de escravização doméstica (concubinato) que revela poder, status e riqueza. Novamente, a masculinidade representada no painel (ainda que pela forma negativa) é aristocrática e também voltada para um tempo longe do presente. Em outras palavras, a representação de uma masculinidade calcada em elementos ancestrais e em constante diálogo com o feminino permanece, mesmo que pela apresentação de exemplos negativos. A representação reproduz, conforme discutido nos itens anteriores, uma forma de normatização.

⁷⁰ D'ARDENNE, Simonne R.T.O., Does the right side of the Franks Casket represent the burial of Sigurd?, *Études Germaniques*, v. 21, p. 235–242, 1966; HOWLETT, David, *British Books in Biblical Style*, Dublin ; Portland, OR: Four Courts Press, 1997; MEDIEVALISTS.NET, The Cipherment of the Franks Casket.

⁷¹ PEETERS, The Franks Casket: A Judeo-Christian Interpretation, p. 30–32.



Figura 4 - Painel Direito. Em branco as três figuras femininas. Em azul, os animais para os quais Nabucodonosor foi transfigurado. Em vermelho, o guarda do palácio.

O último painel que falta ser abordado é a tampa. Sua versão atual encontra-se incompleta, e apenas um painel chegou aos nossos dias. Ainda assim, há evidências de restos metálicos no exterior, com alças, trancas, ferrolhos, dobradiças etc.⁷² Na cena do painel, é possível ver uma figura com arco e flecha defendendo o que parece ser uma fortificação de um exército inimigo. Ao seu lado, há a inscrição rúnica que transliterada se torna *Ægili*. Esta cena já foi interpretada como sendo o cerco a Troia e o arqueiro como Aquiles (ou a figura atrás dele como Aquiles).⁷³ Outra interpretação é que se trata de Eliseu e Joás, e a representação da passagem em 2 Reis 13:17.⁷⁴ Já Leslie Webster identifica esta figura como Egil, irmão de Weyland (o ferreiro representado no painel frontal). Atrás dele, há uma figura que também foi identificada por Webster como sua esposa, Ölrún.⁷⁵ Caso a interpretação de Webster esteja correta, há novamente uma representação aristocrática de masculinidade

⁷² WEBSTER, Leslie; BACKHOUSE, Janet (Orgs.), *The Making of England: Anglo-Saxon Art and Culture, A.D.600-900*, London: British Museum Press, 1991, p. 101.

⁷³ VANDERSALL, Amy, Homeric myth in early medieval England: the lid of the Franks Casket, *STUD. IN ICONOGRAPHY*, p. 1–37, 1975.

⁷⁴ COCCO, Gabriele, The Bowman who takes the lid off the Franks Casket, in: *Studi anglo-norreni in onore di John S. McKinnell. 'He hafað sundorgecynd'*, Cagliari: Cucc, 2009, p. 15–31.

⁷⁵ WEBSTER, *Anglo-Saxon Art*, p. 92–3.

que envolve o feminino, ainda que neste caso a relação seja do masculino como garantidor da proteção do feminino. Porém, todas as interpretações deste painel convergem para um sentido de uma vinculação desta representação de masculinidade aristocrática em um tempo remoto, seja ele mítico, bíblico, histórico e todas as interseções entre estes. Em outras palavras, há uma vinculação com a ancestralidade, com o passado como força ativa e bússola moral e normativa para o presente. Porém, uma reflexão sobre a frequência da questão militar presente na Urna e seu sentido para o viés de gênero parece importante.



Figura 5 - Tampa. Em branco, a identificação em runas de Ægili.

A proteção e a conquista militar também estão correlacionadas com o termo da escravidão e escravização, assim como os demais painéis, ainda que seja uma representação mais indireta. Conforme David Wyatt relembra, a conquista militar seguida pela escravização de comunidades e indivíduos é um dos pontos essenciais da construção da aristocracia neste período.⁷⁶ Em uma coletânea de ensaios recente, a pesquisadora Cynthia Enloe nos lembra que que “toda guerra é travada como História ‘genderizada’” (*Every War is Fought in Gendered History*).⁷⁷ Nesta coletânea de ensaios, a autora chama a atenção para a forma através da qual mulheres e homens experienciam as mesmas guerras de formas diferentes. É fundamental apontar, portanto, que a experiência da masculinidade aristocrática (leiga), guerreira, apontada para a ancestralidade, etc compõem um aspecto fundamental de parte do que era a guerra no período medieval. E, conseqüentemente, do

⁷⁶ WYATT, David, *Slaves and Warriors in Medieval Britain and Ireland, 800 -1200*, Illustrated edition. Leiden ; Boston: Brill, 2009.

⁷⁷ ENLOE, Cynthia, *Twelve Feminist Lessons of War*, Oakland: University of California Press, 2023, p. 19.

que era o papel desejado e esperado do masculino. Em outras palavras, a história militar é história de gênero (centrada no masculino). Por isso o estudo das formas e representações guerreiras no período medieval (como a Urna de Franks) é fundamental para compreender o gênero como uma dimensão fundamental desta sociedade. A representação das ações militares nos painéis são, portanto, dimensões que podem ser lidos na chave das relações de gênero.

5. Conclusão

A Urna de Franks expressa a engenhosidade e complexidade do pensamento inglês alto medieval. Trata-se de um objeto relativamente pequeno, feito de um material relativamente escasso (osso de baleia) e com pouco espaço para equívocos na sua confecção. No pouco espaço, há representações de tradições orais, escritas e de origens tão diversas quanto a latinidade, elementos que possivelmente são de origens germânicas, narrativas cristãs etc. Os espaços nos quais estas narrativas ocorrem também variam desde Jerusalém até a Escandinávia. A grafia mobiliza elementos rúnicos e o alfabeto latino. A complexidade do objeto expressa a complexidade intelectual de quem (ou daqueles que) a produziu. E esta complexidade também releva elementos diversos sobre o seu contexto de produção e de utilização. Em outras palavras, ela é um objeto no qual o sonhado, imaginado, projetado se combinam de forma a explicitar estas camadas de técnicas e pensamentos complexos, conforme Baschet apontava na sua reflexão sobre imagem-objeto. E ao estudá-la, é possível compreender mais camadas da sociedade Inglesa Alto-Medieval a partir das suas imagens, conforme proposto por Panofsky.

As possibilidades de abordagem historiográfica desta urna são, portanto, variadas. Este artigo optou por concentrar-se em como ela pode representar elementos que parecem fundamentais na construção das masculinidades neste contexto. A urna conta com representações de masculinidade mais estoicas e contidas, como no caso dos Reis Magos; de homens ainda bebês, como Jesus e Rômulo e Remo; e de guerreiros, tanto durante a batalha como no cerco de Jerusalém e da fortificação protegida por Ægili, seja após a vitória, como no caso do rei babilônico conquistador dos judeus, punido com a loucura e morte.

As representações de masculinidade presentes na urna são diversas. São representações tanto positivadas quanto negativas, por um lado. Por outro, também estão vinculadas a temporalidades e gêneros narrativos diversos entre si, como a mitologia, a História romana e judaica, talvez a grega, e elementos germânicos. Contudo, pensar nestas como formas de pensamento distintas e desacopladas parece revelar como o nosso presente olha para o passado e projeta suas barreiras (em particular as nacionais) no passado. Em

outras palavras, estes elementos aparecem na fonte como vinculados e literalmente a parte de um todo, ajudando a recompor uma visão de mundo que parece indicar estes elementos como diferentes pontos de uma mesma genealogia.

Pensar a Urna de Frank como um todo articulado permite entender que os elementos representados nela expressam dimensões diversas daquela realidade. No que diz respeito ao gênero, ela estabelece normativas ao estabelecer o que são boas condutas e outras inadequadas (mormente no caso do rei babilônico). E embora haja diversidade entre as representações, há elementos em comuns entre elas.

Em primeiro lugar, a masculinidade é sempre construída de forma relacional. Seja entre as formas positivas e negativas, seja entre as diferentes masculinidades, seja em relação com o feminino. Nos diferentes painéis da urna, há desde figuras que representam mulheres (como no caso de Maria) até figuras que representam o feminino e seus atributos, como no caso da loba da lenda de Rômulo e Remo. Em outras palavras, ler a Urna sobre a chave o gênero é um lembrete poderoso sobre como cada identidade e comunidade sempre precisa se construir em relação a algo.

Em segundo lugar, em todos os painéis há alguma relação com o aspecto marcial da aristocracia. Seja de forma mais explícita, como nos cercos representados na tampa e painel traseiro; seja na temporalidade anterior ou posterior ao retratado no painel, respectivamente a conquista do rei da babilônia (painel direito) e o Rapto das Sabinas (painel esquerdo). No painel frontal, embora os Reis Magos não representem um caráter marcial, o recurso à violência de Weyland parece fazer parte da sua recusa à redução à escravidão, e chave para sua libertação. Em outras palavras, este exercício da violência parece algo muito importante na construção da aristocracia masculina. Então mesmo que haja uma cena neste painel que não contenha o elemento marcial, na outra cena do mesmo painel ela faz parte da engenhosidade do aristocrata inserido na narrativa.

Em terceiro e último lugar, as narrativas e representações masculinas presentes na urna remetem a tradições de povos, comunidades e religiosidades que parecem, à primeira vista, dispersos em tempos distantes e de naturezas diferentes. Assim, há representações do que seria o tempo histórico, o mítico, o bíblico e articulações dentre estes de forma diferentes, como a disposição da história de Weyland ao lado da Natividade. O que se destaca destas expressões é o vínculo com passados distantes, presentificados simultaneamente na Urna. Neste sentido, as representações de masculinidade presentes na urna apontam para uma convergência temporal envolvendo as mesmas. As normativas, expressões e expectativas relacionadas à masculinidade estão ancoradas em um senso de pertencimento em ancestralidade. O passado remoto, longe de ser memória prestes a se esvaír, é uma força

social fundamental, e se expressa na expressão e normatização de gênero de forma significativa. Pelo que se é possível observar nesta fonte, esta é uma dimensão fundamental da(s) masculinidade(s) neste contexto.

A masculinidade medieval é plural, como em qualquer contexto histórico. Falar em “masculinidades” é mais adequado que “masculinidade”, no singular. Este texto investiu, contudo, em delinear elementos que são comuns às diferentes formas de masculinidade expressas no seu estudo de caso, a Urna de Frank. Os três elementos identificados foram sua relação direta com o feminino, o caráter marcial da aristocracia e a sua vinculação com uma masculinidade ancestral. Trabalhos futuros poderão analisar fontes diversas para verificar se estes elementos também podem ser identificados em outros estudos de caso. Assim, será possível considerar se estes elementos podem configurar a base para a construção das masculinidades do contexto analisado.

Recebido em 28 de setembro de 2025
Aceito em 25 de novembro de 2025